

Cultura afro-brasileira e educação antirracista e equipamentos culturais**Afro-Brazilian culture and anti-racist education and cultural facilities****Cairo Mohamad Ibrahim Katrib¹**
Eliane Moreira de Souza²

Resumo: Onde está a educação? Logo de início, esta indagação nos reporta ao ambiente escolar, à transferência de conhecimentos centrada na figura do professor e à imagem física de uma escola. No entanto, a educação se faz presente nos diversos ambientes, relações sociais, papéis e práticas que se consolidam no dia a dia, permitindo que este construa continuamente seu conhecimento e saber. Este artigo visa contribuir com a discussão conceitual do que vem a ser educação e a importância das práticas sociais e processos educativos que, quando emancipatórios, podem contribuir com as preservações de valores, tradições e redução das desigualdades. Temos, aqui, como referência, o trabalho realizado por um equipamento cultural da Universidade Federal de Uberlândia, que objetiva valorizar e difundir o patrimônio material e imaterial da cultura africana e afro-brasileira, por meio de atividades e práticas sociais. Para tanto, foram utilizados como métodos a pesquisa bibliográfica com autores que discorrem sobre os temas, revisão de literatura e pesquisa documental. Este estudo aponta que as ações desenvolvidas nesta entidade, tem contribuído com a difusão de valores e tradições da cultura africana e afro-brasileira, no município de Uberlândia e região.

Palavras Chaves: Educação; Educação Antirracista; Práticas Sociais; Cultura Africana e Afro-brasileira

Abstract: Where is the education? Right from the start, this question takes us back to the school environment, the transfer of knowledge centered on the figure of the teacher and the physical image of a school. However, education is present in different environments, social relationships, roles and practices that are consolidated in everyday life, allowing people to continually build their knowledge and knowledge. This article aims to contribute to the conceptual discussion of what education is and the importance of social practices and educational processes that, when emancipatory, can contribute to the preservation of values, traditions and the reduction of inequalities. Here, as a reference, we have the work carried out by a cultural facility at the Federal University of Uberlândia, which aims to value and disseminate the material and immaterial heritage of African and Afro-Brazilian culture, through social activities and practices. To this end, bibliographical research with authors who discuss the topics, literature

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Educação, Comunicação e Tecnologias-Faculdade de Educação-Universidade Federal de Uberlândia-UFU. E-mail: Cairomohamad@gmail.com

² Jornalista da Universidade Federal de Uberlândia e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba – UNIUBE. E-mail: elianemoreirasouza@yahoo.com.br

Recebido em 01/11/2023

Aprovado em 01 /12/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



review and documentary research were used as methods. This study points out that the actions developed in this entity have contributed to the dissemination of values and traditions of African and Afro-Brazilian culture in the municipality of Uberlândia and region.

Keywords: Education; anti-racist education; Social Practices; African and Afro-Brazilian culture

1- INTRODUÇÃO

“Somos seres continua e infinitamente aprendentes” (BRANDÃO, 2015, p.8). Desta forma, “[...] a educação não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade. Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 21). O aprender ocorre durante toda nossa existência, seja por meio da educação formal, nos ambientes que participamos, nos grupos que estamos inseridos e tradições. Neste contexto, muito aprendizado fica para trás e outros são “abafados” por “regras”, sejam elas sociais, econômicas e outras dominantes.

O dissipar do conhecer e de práticas sociais que muitas vezes estavam arraigadas em gerações passadas, provoca o que podemos chamar de desenraizamento. O maior deles e um dos mais intensos, segundo Oliveira (2014) foi com relação as práticas étnico-raciais. Estas foram “abafadas” pelo colonialismo causado pelo capitalismo e diversos fatores sociais. A esta negação às práticas produzidas por grupos tido como subalternos, Santos (2001), chama de epistemicídio.

Por sua vez, neste contexto, temos ainda a interculturalidade que, de forma simplista, seria a massificação de práticas ocidentais. Assim, de acordo com Candau (2012):

a educação intercultural é concebida hoje como um elemento fundamental na construção de sistemas educativos e sociedades que se comprometem com a construção democrática, a equidade e o reconhecimento dos diferentes grupos socioculturais que os integram (CANDAU, 2012, p.242).

Como forma de preservar valores e costumes, muitas vezes esquecidos por imposições, entidades e organizações tentam reinserir, por meio das práticas sociais, a preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro e a identidade cultural. Nesta pesquisa, pretende-se mostrar o trabalho realizado pelo Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché no resgate às tradições e difusão de valores da cultura africana e afro-brasileira. A unidade da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia (PROEXC/UFU), tem por finalidade desenvolver atividades educacionais e culturais relacionadas à cultura afro-brasileira, na cidade de Uberlândia

Este espaço, é um equipamento cultural da UFU que tem como proposta acolher ações voltadas ao fortalecimento da cultura negra local e regional, referendando partilhas colaborativas, incentivadoras de ações que primem pelo respeito às diferenças étnico-raciais e pela visibilidade positiva da cultura e história afro-brasileira.

Nesse entendimento, o local é um ambiente cultural e formativo rico de sentidos e significados que promove ações de visibilidade da cultura negra, um espaço de formação educativa horizontalizado, que valoriza saberes e sujeitos, contribuindo para o exercício de uma educação mais humana e antirracista.

Portanto, este trabalho utilizou como procedimentos metodológicos revisão de literatura e pesquisas documental e bibliográfica. Esta última, segundo Martins e Theóphilo (2016, p. 52) “procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc”. Ainda, conforme esclarece Boccato (2006, p. 266):

Busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Se a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental para toda pesquisa, por sua vez, a revisão de literatura é um princípio básico para a realização de qualquer trabalho científico. Desta forma, não deve ser fortuita, mas deve buscar procedimentos que atendam o objeto de estudo. Entre os principais objetivos da revisão de literatura estão: identificar grupos de pesquisas e pesquisadores que trabalham com o tema; o aprendizado sobre determinado conceito e a busca de subsídios para a redação do trabalho científico:

Revisão da Literatura ou RI, nada mais é do que a reunião, a junção de ideias de diferentes autores sobre determinado tema, conseguidas através de leituras, de pesquisas realizadas pelo pesquisador. A revisão da literatura é, neste sentido, a documentação feita pelo pesquisador sobre o trabalho, a pesquisa que está se propondo a fazer (MARTINS, 2016, p. 27).

Já a pesquisa documental trafega próximo a pesquisa bibliográfica. A diferença entre ambas está nas suas fontes. Como já foi dito, a pesquisa bibliográfica busca referência nos diversos autores sobre determinado tema ou conceito, por sua vez, a pesquisa documental busca sua fonte em materiais que ainda não foram tratados cientificamente, ou seja, fontes primárias.

Pretendeu-se, neste trabalho, apontar as práticas sociais envolvendo ações étnicas raciais, realizadas pelo equipamento cultural citado, da Universidade Federal de Uberlândia, projeto ancorado pela Pró-Reitoria de extensão e cultura da Universidade Federal de Uberlândia (Proexc/UFU).

Reler esse espaço plural e múltiplo de efervescência cultural negra, nos propiciou voltar o olhar para culturas populares, desvelando, neste trabalho, processos educativos que retomaram a identidade e descortinaram práticas sociais “sufocadas” pela colonialidade e interculturalidade. O referido projeto aborda a educação das relações étnicas raciais que, de acordo com Silva, (2011):

tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais (SILVA, 2011, p.490).

Vale lembrar que, quando volto o olhar para culturas populares, procuro descortinar processos educativos. No caso pesquisado,

a educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico raciais e sociais (SILVA, 2011, p.490).

Esses entendimentos nos ajudam a compreender que, nas práticas sociais, “as pessoas colocam, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los” (OLIVEIRA *et. al.*, 2009, p.6).

A instituição aqui em foco, Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, foi criada em 2002. Seu objetivo é intercambiar, junto às outras instituições de ensino, órgãos da educação e cultura, movimentos sociais e Organização não Governamental. Sua proposta é contribuir como instrumento de superação, no enfrentamento às desigualdades raciais, por meio do desenvolvimento de atividades educacionais e culturais com a comunidade negra de Uberlândia e Região. A programação desenvolvida pela instituição inclui: oficinas, rodas de conversa, apresentações teatral e musical e exibição de filmes. Desta forma, tendo como foco a cultura negra, o espaço se torna palco de captação e divulgação da cultura negra na região.

Por um viés mais detalhado, vale referendarmos que o nome do Centro de Memória da Cultura Negra foi dado em homenagem à Maria da Graça Oliveira, ativista das questões sociais, políticas e culturais. Em 1988, Maria da Graça foi responsável por criar o Bloco Aché, um grupo carnavalesco, em comemoração ao centenário da abolição da escravatura e que trouxe para o carnaval de Uberlândia nova proposta que reiterava a influência africana. Desta forma,

na época, a então Casa da Cultura Graça do Aché, recebeu o nome, como forma de dar prosseguimento às ações que visam a formação e o acesso da população negra, tendo como elemento central, a cultura afro-brasileira, reverberando no exercício de uma educação plural e antirracista.

2- Por uma educação plural e antirracista

Onde está a educação? Em princípio, ao tentar responder esta indagação é quase imediata a representação da imagem de uma escola física, bancos, carteiras, professores, alunos e livros. E se formos buscar uma definição no dicionário, o que encontramos? “Conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito [...] conhecimento e prática dos usos considerados corretos socialmente. Civilidade, cortesia, polidez” (PRIBERIAM, 2008, s/p). Os sentidos de educação apresentados nas definições deste dicionário, por si só, renderiam uma ampla discussão, se levados ao campo acadêmico e referenciados à luz de autores como Paulo Freire e Carlos Henrique Brandão. Para ambos, a educação está presente nos diversos ambientes e influências que chegam de todos os lados. Como se o indivíduo estivesse sob um guarda-chuva invertido, acumulando ao longo de sua vida experiências, consciência e aprendizados.

Assim, a educação se faz presente nas relações sociais e nos locais que o indivíduo está inserido. O sujeito absorve, molda e mistura-se às relações, às convivências e às diversas facetas da vida para se educar e educar o outro. É por meio dos conhecimentos adquiridos que o indivíduo constrói seu próprio ser e sua consciência de mundo. Assim, a educação vai muito além de definições simplistas, como as citadas no dicionário, sendo, então, segundo Brandão, (1995), um processo contínuo que começa logo cedo:

Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até à morte. (BRANDÃO, 1995, p. 1).

Dessa forma, se insistirmos na pergunta “onde está a educação?” Percebemos que são muitas as respostas. Além disso, a educação é múltipla ou, como afirma Brandão (1995), existem a educação e educações.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 1995, p. 1).

Portanto, é a educação que permite ao indivíduo a construção do seu próprio ser, porque está presente no imaginário e no seu eu. Brandão, (1995), complementa que educação:

É vivência que permite tomar consciência do mundo, das coisas, das pessoas, das relações que entre eles se estabelecem, e assim tomar consciência de si próprio. Nesse processo, cada pessoa incorpora a cultura de sua comunidade, grupo, classe, fazendo-a com os parentes, os vizinhos, os colegas, num trabalho que é sempre criador. Tal trabalho se configura como ação de cada pessoa com os outros no mundo, a fim de desvelá-lo, compreendê-lo, transformá-lo, humanizando-o. (BRANDÃO, p.13, 1995).

Neste contexto, os processos educativos se consolidam por meio das relações humanas e nas práticas sociais, as quais os indivíduos estão inseridos. É a partir, também, destas relações, que constrói seus saberes e conhecimentos. “A educação, nesta compreensão, se estabelece como processo que se dá em toda a nossa vida; um processo contínuo de construção do ser humano” (RIBEIRO *et. al.* 2021, p. 2). Assim, de acordo com Brandão (1995, p. 16), “a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível, a não ser nos lugares onde pendura alguma placa na porta com o seu nome”.

Por não abranger apenas o espaço escolar, como na maioria das vezes se pensa, a educação está presente nos diversos ambientes e constitui-se em uma importante ferramenta de transformação social. Para a outra educação, a que remonta a escola física, esta utiliza-se de ferramentas e metodologias assumindo, de acordo com Brandão (1995), uma outra denominação:

A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação), cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor de quem começo a falar daqui para frente. (BRANDÃO, 1995, p. 11).

Desse modo, mesmo na educação formal, de acordo com Freire (1996), deve-se

respeitar os saberes que os educandos, sobretudo das classes populares, chegam a eles – saberes socialmente construídos nas práticas comunitárias – mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com ensino dos conteúdos. [...] ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação (FREIRE, p.15-17, 1996).

Assim, neste contexto em que se configuram as práticas sociais, estas devem servir como fator de transformação social, por meio de ações junto aos grupos e comunidades que aspirem à transformação da realidade, se observada como opressiva, discriminatória e injusta.

Pensar uma educação plural é pensar num processo de ensinar-aprender que seja equânime e inclusivo e pautado no exercício contínuo da valorização das diferenças e dos diferentes.

Na educação de modo geral, o olhar para o diverso ganha visibilidade por meio de políticas públicas educacionais que, a partir dos anos de 1990, incentivam o desenvolvimento de propostas metodológicas de valorização das diferenças na educação, mesmo que para muitos pesquisadores, essas políticas acabem engessando muitas ações institucionais.³

Dentre essas políticas destacamos a Lei nº 10.639, promulgada em 2003. Com ela houve a regulamentação do trato ao conceito de diversidade, por meio da proposta de abordagem pedagógica da temática étnico-racial. A inserção desta se deu também por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais, estabelecendo parâmetros de inserção de conteúdos e/ou temáticas e de sua abordagem.

No campo do político, o cumprimento dessa legislação, propôs novos olhares para nossa formação cultural, promovendo mudanças na postura e na forma de ver, lidar e respeitar o outro. Mesmo assim, o verbo *mudar* na atual conjuntura para ser conjugado, de fato, depende muito da sensibilidade e da criticidade com que vai ser utilizado e aplicado pelo educador-formador, da mesma maneira que o respeito as diferenças. Sendo a educação múltipla e plural que transcende normas e regras, independente do espaço e do nível em que ela se dá, ela não se constitui isoladamente, pois é fruto das vivências e experiências, sociais, identitárias e a cultura nos ajuda a compreender as muitas nuances em que podemos interpretar a educação.

A conexão educação e cultura é um exercício da diversidade, deve ser efetivado observando a via de mão dupla do ensinar e do aprender, envolvendo docentes e discentes na concretização de ações pedagógicas multidisciplinares e para além do ambiente formal e formatado da escola. Assim, espaços como o Graça do Aché são lugares de memória, de histórias vividas, praticadas e ressignificadas à luz de múltiplos sujeitos, sejam eles na universidade ou dos movimentos sociais locais e regionais, ambos experimentando e ressignificando saberes e posturas. A definição do Centro de Cultura como Equipamento Cultural é endossada por Coelho (1997, p.164) quando se refere ao termo como “edificações destinadas a práticas culturais”, servindo para definir organizações culturais como cinemas, galerias, salas de concertos, museus, casa de cultura, centro de cultura, espaço cultural, teatros.

³ O Brasil possui o Programa Diversidade na Universidade desde os anos de 1990. O mesmo foi sofrendo modificações para atender as demandas institucionais e os acordos governamentais firmados com órgãos internacionais, dentre elas as propositivas da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata da ONU, onde foram inseridas ações afirmativas contra o racismo e a discriminação neste programa.

Ainda, de acordo com (SANTOS e DAVEL, 2018, p. 114), os equipamentos culturais “são ambientes com grande potencial de interface com práticas e conteúdos educacionais, o que lhes confere possibilidade de influência na construção de valores e nos padrões de sociabilidade vigentes, tão perpassados pela violência e pelas relações de consumo”.

Como mencionado, “os processos educativos se consolidam nas relações humanas, em práticas sociais que as pessoas tomam parte, [...] em práticas sociais as pessoas se colocam em relações e, nelas, constroem conhecimentos e saberes” (JÚNIOR, *et. al.* 2013, p.1). Assim, de geração em geração, por meio da interação de indivíduos e ambientes é que acontecem as práticas sociais. “Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas” (OLIVEIRA, 2014, p. 29). Assim, os equipamentos culturais, com potenciais transmissores de conhecimentos e conteúdos vem agregar na construção de uma educação voltada para transformação, inclusão e diversidade.

Desta forma, de acordo com Freire (2011), educar é uma “práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (Freire, 2011, p. 127). Além disso,

É seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais (FREIRE, 2011a, p. 128).

Para Oliveira (2014), as práticas sociais podem enraizar-se, mantendo vivas as tradições, ou desenraizar-se transformando seus jeitos de viver e de ser, impondo papéis sociais e recompondo identidades. Desta forma, de acordo com Cota (2000):

Os conhecimentos são construídos em práticas sociais, das quais participamos, quando se integram às críticas que deles fazemos, orientam nossas ações, formando-nos. Esta formação decorre de uma práxis que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem vivemos. As práticas sociais se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele. [...] é participando de práticas sociais que as pessoas se abrem para o mundo (COTA, 2000, p.211).

E quando desenraizamos essas práticas sociais? As relações coloniais e pós-coloniais do sistema capitalista geraram o que chamamos de decolonialismo. Teve início no mundo moderno/colonial, estabelecendo diferenças e desigualdades a partir da ideia de raça. Por sua vez, a colonialidade foi um conceito criado pelo sociólogo Anibal Quijano, no final da década de 1980, e que, de acordo com Mignolo (2017), é “o lado mais escuro da modernidade

ocidental, uma matriz de poder que surgiu entre o Renascimento e o Iluminismo, durante a colonização das Américas, e que está culminando com o neoliberalismo capitalista dos tempos atuais” (MIGNOLO, 2017, p. 1). Sobre o decolonialismo, Mignolo (2017) reforça que é uma definição que se refere aos objetivos, projetos e atitudes voltados para o desligamento da modernidade e condições desumanas do colonialismo.

Por sua vez, ao serem adotados processos educativos determinados pelo capitalismo, as práticas sociais, saberes e conhecimentos, produzidos pelos grupos sociais, são suprimidos. A esta negação às práticas produzidas por grupos subalternos, Santos (2001) chama de epistemicídio. Uma outra definição que surge neste contexto é a interculturalidade que, em uma definição simplista, seria o contato do ocidente com outras civilizações. Assim, de acordo com Scavino (2016):

interculturalidade possui um significado intimamente ligado com a construção de um projeto social, cultural, educativo, político, ético e epistemológico voltado para a decolonialidade e a transformação. É um enfoque de uma prática importante para os movimentos sociais do continente especialmente para os indígenas e afrodescendentes, que questiona a colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza (SCAVINO, 2016, p. 193).

Portanto, quando várias culturas se encontram, principalmente aquelas que foram subjugadas e colonizadas, abre-se margem para questionar o porquê dessa inferioridade que lhes foram atribuídas. Assim, a definição de colonização é posta em pauta e, em consequência, também o poder do colonizador. O poder, o saber e o ser colonizador são retirados do centro. Dessa forma, a partir da interculturalidade, a ideia de centro se desfaz e dá lugar a um espaço de troca, aceitação das singularidades e multiplicidades.

Se passarmos em nosso contexto histórico, nos deparamos com o que Oliveira (2014), chama de uma das práticas sociais mais severas de desenraizamento: a escravização dos africanos para as américas que perdurou por quatro séculos. Aliado a isso, concebemos uma educação voltada para a padronização, na maioria das vezes, sem espaço para corpos negros. Como se as influências europeias prevalecessem, reforçando os padrões da raça branca. Desta forma, “fortalecida por políticas desta natureza, se estabelece, no Brasil, a branquitude como norma inquestionável, da mesma maneira que em outras sociedades que tentam se universalizar como brancas e, portanto, herdeiras do mundo ocidental europeu” (SILVA, 2017, p. 491). Ainda, de acordo com Silva (2017):

O ocultamento da diversidade no Brasil vem reproduzindo, tem cultivado, entre índios, negros, empobrecidos, o sentimento de não pertencer à sociedade. Visão distorcida das relações étnico-raciais vem fomentando a ideia, de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê as diferenças. Considera-se democrático ignorar o outro na sua diferença. O ocultamento da diversidade produz a imagem do brasileiro cordial, que trata a todos com igualdade, ignorando deliberadamente as suas nítidas e contundentes diferenças (SILVA, 2017, p. 497).

Usando este contexto como parâmetro, para uma sociedade que sempre foi multicultural, percebemos que reforçando os processos educativos que vão além do ambiente escolar, buscando ações que promovam seus direitos e a valorização de sua história, oportuniza-se não só o aprendizado, mas a efetiva formação da cidadania, consciência política, fortalecimento de identidade, além do combate a atitudes que gerem discriminação e racismo.

3- Um contexto para além de muitas histórias: a efetivação do espaço graça do Aché na UFU

Quero mostrar a todos o poder do povo negro... acredito na transformação dessa nossa juventude e quero que ela seja protagonista de sua estória. Existe a nossa frente um caminho a ser percorrido em direção ao futuro, e isto significa fazê-lo com consciência individual e coletiva nas trilhas de nossas raízes. (Maria da Graça Oliveira, UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2020, s/p)

O regimento interno do Centro de documentação e Memória Graça do Aché foi definido em 2019, durante reunião do Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, da Universidade Federal de Uberlândia. O Regimento aponta que a entidade tem por missão:

a promoção de ações que preservem os valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, atuando como instrumento de fomento à superação das desigualdades raciais e desenvolvendo atividades educacionais e culturais direcionados à comunidade negra de Uberlândia e região (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2019, s/p).

Assim, o Centro Graça do Aché possui como objetivo geral: valorizar e difundir o patrimônio material e imaterial da cultura africana e afro-brasileira. Além disso, visa a promoção e o apoio da integração cultural, social, econômica e política dos afrodescendentes, no contexto social do País. Também, fomenta a preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro e da identidade cultural dos remanescentes das comunidades dos quilombos; valorização das manifestações culturais de matriz africana dos povos tradicionais; valorização das manifestações culturais da diáspora africana nos contextos colonial e pós-colonial; e apoio e desenvolvimento de políticas de inclusão dos afrodescendentes no processo de desenvolvimento político, social e econômico por intermédio da valorização da dimensão cultural (UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA, 2019).

Nos anos de 2017 a 2020, período analisado por este trabalho, foram realizadas 100 ações pelo Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, com um público total estimado em 13.889 pessoas.

TABELA 1

QUADRO RESUMO ATIVIDADES 2017/ 2020		
Ano	Quantidade de ações	Público atingido
2017	6	1080 pessoas
2018	25	1570 pessoas
2019	23	684 pessoas
2020	1 ação presencial 45 vídeos produzidos para veiculação virtual	4 pessoas 10.551 visualizações

Fonte: (UFU, 2020).

IMAGEM 1- fachada prédio graça do ACHÉ



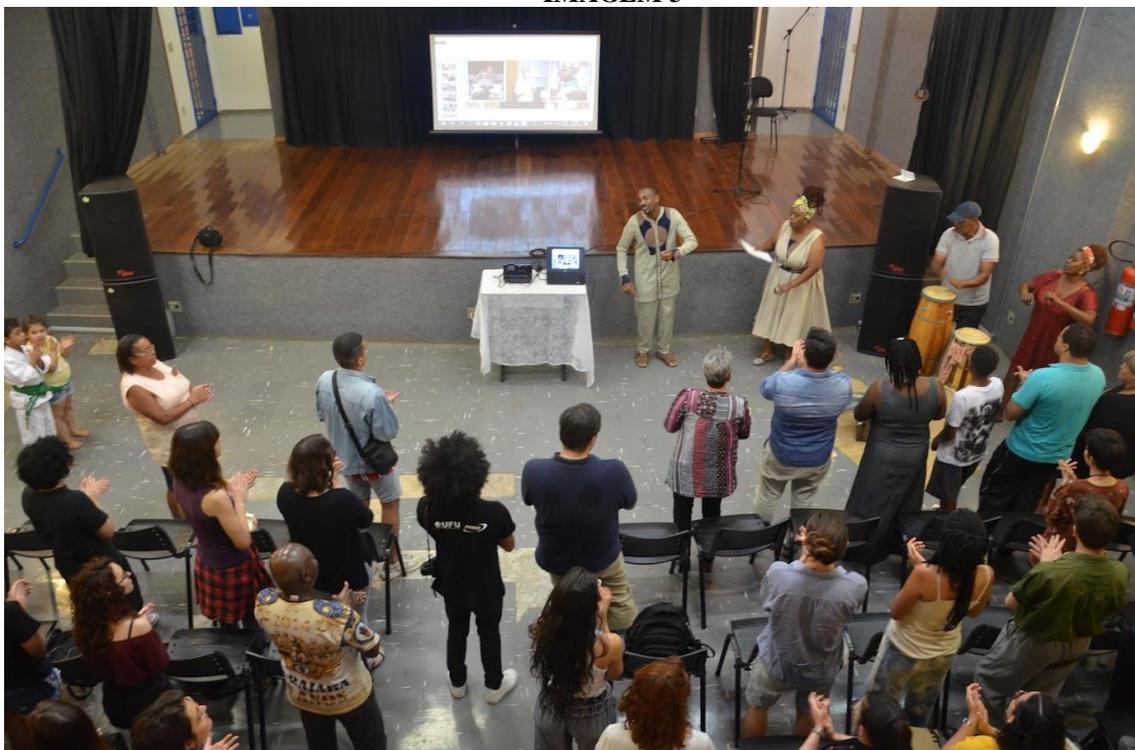
Fonte: Alexandre Santos - Arquivo Diretoria Comunicação UFU

IMAGEM 2



Fonte: Alexandre Santos – Arquivo Diretoria Comunicação UFU

IMAGEM 3



Fonte: Alexandre Santos - Arquivo Diretoria Comunicação UFU

IMAGEM 4



Fonte: Alexandre Santos - Arquivo Diretoria Comunicação UFU

4- CONSIDERAÇÕES

A partir dos estudos sobre a Educação, percebemos que suas definições são múltiplas e que sua presença acontece em ambientes, grupos e instituições diversos. Conclui-se, também, que o processo de aprendizagem é contínuo e o homem é sujeito deste conhecimento.

A educação, portanto, sai da escola formal e se constrói mutuamente nos espaços, instituições e ambientes que o indivíduo participa. A partir dos conhecimentos recebidos, o homem se educa e educa. Assim, como afirma Brandão (1995), a educação não está só ligada à formação profissional, mas ao indivíduo de forma integralizada.

Desta forma, de acordo com Brandão (1995) ninguém consegue fugir da educação. Com a educação presente em todos os espaços e levando em conta as práticas sociais a que estamos inseridos no decorrer da vida, percebemos que essas práticas são originárias de processos educativos promovendo a transformação da realidade social, por meio da reflexão e busca da identidade. Deste modo é a educação, por meio de práticas, que permite a construção do próprio ser do indivíduo.

Buscar, então, práticas que contribuam com o desvelar da educação, enquanto padrão estabelecido, em um contexto que integre a perpetuação de padrões homogêneos e que desconsiderem o enraizamento, é um avanço para o tombamento do “branqueamento” e a ocultação da diversidade. Este trabalho então, se dá por meio de ações desenvolvidas por instituições que adotem práticas que façam prevalecer as heranças africanas e étnico-raciais.

No caso da instituição pesquisada, Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, percebe-se o forte apelo para o resgate dessa superação do enfrentamento às desigualdades sociais, por meio de suas diversas atividades culturais que envolvem dança, oficinas, rodas de conversa, teatro, exposições, filmes e outras ações. Assim, a instituição se torna palco das ações que procuram reforçar a identidade da comunidade negra de Uberlândia e região.

E pelo exercício da diferença, do diverso, do plural podemos referendar que o Centro Graça do Aché, é o local de experimentos culturais que forjam o exercício da alteridade e reconecta, os movimentos sociais e culturais negros, ao movimento e ao trânsito acadêmico, proporcionando outros olhares, outras formas de educação que valorize as diferenças e os diferentes. É um espaço que não se permite a validação de uma cultura universalizante e universalizada definida pelo crivo de um padrão eurocêntrico, de uma visão linear, hierarquizante de sociedade, de cultura e de produção e acesso ao conhecimento, ali, o que ocorre, é a potencialização da valorização do pertencimento étnico-racial no campo do ensino, da extensão e da pesquisa, da cultura, dos saberes e fazeres dos diferentes, promovendo uma educação antirracista para o cumprimento da Lei nº 10.639/03.

Nesse caminho, a Lei 10.639/03 tem papel polissêmico, ou seja, não se resume só ao cumprimento dos novos ditames do Ensino de História e da Cultura Afro-brasileira, mas propicia novos sentidos para o exercício cultural local, promovendo a visibilidade e o protagonismo de atores negros e negras. Precisamos compreender como realmente a cultura precisa promover a inclusão, exercitar a diversidade, promover a manutenção de ações afirmativas e romper com o modelo eurocêntrico de percepção de cultura. Esse, afinal, é o caminho que deve ser trilhado; esse é o movimento (in) voluntário produzido e provocado no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, nos mostrando que educação e cultura são primordiais na promoção da equidade e em prol de uma educação plural e antirracista.

REFERÊNCIAS

- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *In.: Revista Odontol. Univ. Cidade São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação? Educações: aprender com o Índio**. São Paulo: Brasiliense, p. 7-12, 1995.
- BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. *In.: Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA*, v. 3, n. 2, 2016. Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738/1630> Acesso em 04. Dez. 2021.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *In.: Educação & Sociedade*, v. 33, p. 235-250, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 02. Dez. 2021.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 16. Nov. 2021
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2011.
- JUNIOR, Djalma Ribeiro et al. Educar-se com grupos, organizações e movimentos sociais: processos educativos em práticas sociais populares. **Revista Pedagógica**, v. 15, n. 31, p. 165-181, 2013.
- MARQUES TAFURI, Diogo; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Fundamentos teórico-conceituais da pesquisa em práticas sociais e processos educativos. **Educação Unisinos**, vol. 21, núm. 1, janeiro-abril, 2017, p. 40-49. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449650489006.pdf>. Acesso em 01 ago. 2021.
- MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *In.: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=html> Acesso em 20. Nov.2021.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RIBEIRO, Tiago. SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. *In.: Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1484/1113>. Acesso em 01. Ago. 2021.

SACAVINO, Susana Beatriz. Educação descolonizadora e interculturalidade: notas para educadoras e educadores. **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra**, p. 188-202, 2016. Disponível em <https://bit.ly/3vSapE2>. Acesso em 05. Ago. 2021

SANTOS, Fabiana Pimentel; DAVEL, Eduardo Paes Barreto. **Gestão de equipamentos culturais e identidade territorial: potencialidades e desafios**. 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; Aprender, Ensinar. Relações Étnico-raciais no Brasil. *In.*: **Relações étnico-raciais e Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 11-38, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *In.*: **Educação**, v. 30, n. 63, p. 489-506, 2007.

SOUSA, Fabiana Rodrigues; RIBEIRO JÚNIOR, Djalma; SOUZA, Erivelto Santiago; TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos; OLIVEIRA, Maria Waldenez de. Educar-se com grupos, organizações e movimentos sociais: processos educativos em práticas sociais populares. *In.*: **Revista Pedagógica**. v.15, n.31, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/2335>. Acesso em 01. Ago. 2021.

UFU. Pró-reitoria de Extensão e Cultura. **Relatórios PROEXT**. Disponível em http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document/relatorio_proexc_2017-2020_25-03-compactado_0.pdf. Acesso em 30. Nov. 2021.

UFU. **Resolução N° 2/2019, Do Conselho De Extensão, Cultura E Assuntos Estudantis**. Disponível em <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSEX-2019-2.pdf>. Acesso em 25. Nov. 2021.